



COLEÇÃO
20 POEMAS

Francisco Orban



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Orban, Francisco

Coleção 20 poemas [livro eletrônico] / Francisco Orban ; [organização Jiddu Saldanha]. -- São João Del Rei, MG : Jiddu Krishnamurti Saldanha, 2026. -- (Coleção 20 poemas ; 7)

PDF

ISBN 978-65-976606-0-5

1. Poesia brasileira I. Saldanha, Jiddu.
II. Título III. Série.

26-375422.0

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Poemas extraídos dos livros:

Os Anzóis da noite
A Colheita da água
Paiol das águas
Terraço das estações
No País dos Estaleiros
Sobrado das horas
Estaleiros de vento

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	PÁG - 5
O ALFABETO DAS ÁGUAS	PÁG - 6
OUTUBRO	PÁG - 7
CONSELHO NA PRAIA	PÁG - 8
AREAL	PÁG - 9
AVESSO DOS VERSOS	PÁG - 10
RUAS	PÁG - 11
TEMPO	PÁG - 12
VELEIROS CALADOS	PÁG - 13
REMO E HARPA	PÁG - 14
MÁRMORE DA PALAVRA	PÁG - 15
QUEBRAÇÃO	PÁG - 16
HÁ QUEM DIGA	PÁG - 17
FACE SECRETA	PÁG - 18
REALEJO	PÁG - 19
AMAZÔNICA	PÁG - 20
QUANDO	PÁG - 21
BALA PERDIDA	PÁG - 22
SIGNOS	PÁG - 23
RUAS DO MUNDO	PÁG - 24
LEGADO	PÁG - 25
SOBRE O AUTOR	PÁG - 26
SAIBA MAIS	PÁG - 28
FICHA TÉCNICA	PÁG - 29

Introdução

A coleção “20 Poemas” nasce de uma compreensão simples: o leitor de literatura digital busca leveza, objetividade e impacto. Textos longos, cheios de introduções intermináveis, funcionam mal no universo rápido das telas. Por isso, cada e-Book da coleção traz apenas o essencial — vinte poemas que representam a força criativa de um autor. São obras distribuídas gratuitamente porque cumprem um papel estratégico: fortalecem o marketing literário de cada escritor e ampliam sua presença entre os leitores digitais.

O *Portal Ornitorrincobala* abriga uma biblioteca digital que cresce dia após dia, reunindo vozes diversas e potentes. O time de autores que compõe esse acervo tem ganhado destaque nas redes, criando movimento, conversa e curiosidade. Quem lê sente vontade de participar; quem escreve sonha em fazer parte dessa vitrine que valoriza talentos reais.

Chegar até aqui exigiu trabalho intenso, dedicação contínua, longas revisões, parcerias, noites mal dormidas e um compromisso genuíno com a literatura independente. O *Ornitorrincobala* é fruto de persistência — e de amor pela palavra.

Francisco Orban é um amigo do nosso portal. Um poeta que já tem duas publicações conosco, além de participação em nossas antologias. É um prazer trazê-lo para a coleção 20Poemas, com curadoria do próprio autor. Um presente para nós, seus leitores.

Jiddu Krishnamurti Saldanha: Editor chefe e criador da biblioteca digital Ornitorrincobala.



O Alfabeto das águas

Não sou eu que escrevo o poema
mas este inquieto espírito alado
desgarrado das ânforas do infinito
Aqui, há muito tempo a acompanhar-me
Não sou eu que os escrevo quando o mar bate
em mim como costados e me oferece dos búzios
seus enredos e águas sussurradas
Não sou eu que o escrevo mas este ente
sempre inalcançável
que me fala pela alma dos barcos
e me concede paisagens para logo
transmutá-las em estiagens

Do livro - "Paiol das águas"

Outubro

Outubro está solto. Entre as unhas a pele do teu corpo. Também as garrafas que joguei ao mar não voltaram com o teu nome em um velho verso. Não voltaram e fizeram desta ausência meu jeito de navegar. Também naveguei de mim. Para longe do que sou e do meu amor por ti. Para os territórios da espera onde moram tantos viajantes. Isto me soprou um dia o mar através de um mínimo ser. Um búzio expelido das águas, com seu ruído oceânico a sussurrar você

Do livro - "Terraço das estações"

Conselho na praia

Não aplume a vela das jangadas
deixe os ventos do mar cumprir essa jornada
Pois elas tangenciam e colhem o sal do mundo
e tu só tens os remos das palavras
Portanto não afronte os horizontes
pois eles são a morada das águas
e se esses ventos hoje salgam os dias
amanhã te darão uma enseada

Do livro - "Paiol das águas"

Areal

Há muito que o mar me trouxe como pele suas algas. O vento bate afoito nos cascalhos do meu rosto. Movido por um Deus mudo sigo atento pelas dunas do areal que ficou do que um dia foi só água.

Há muito que o mar me deixou como saga seus navios. E suas escunas brancas com as tarrafas da esperança

Do livro - "Terraço das estações"

Averso dos versos

Velejo pelo avesso de um outono com os apetrechos do que resta, vindo do convés de um sonho. Velejo pelo avesso dos versos e ponho sobretudos e gravatas e sob as estrelas da noite acolho palavras calcinadas.

Do livro - "Terraço das estações"

Ruas

Esta rua sempre esteve aqui
e nos esperava
com suas calçadas alagadas de madrugadas
Sempre, mesmo antes de existir
ela já se plasmava
no sonho de algum passante
que a pressentiu
e a sonhou infinitas vezes
para que ela assim se erguesse
feita de pedra e iasmim

Do livro - "Paiol das águas"

Tempo

Tempo
eu andava contigo
pela orla do mar
quando tudo era silêncio
e ventania.
E foi assim que vivi,
vestido de Carlitos
por dentro da roupa oficial,
colhendo em minha mão
o rosto das mulheres

Tempo
por ti quebrei e colhi cidades,
provei de barcos e naufrágios,
mas nunca soube me deter
diante da primeira aurora
diante do primeiro amor
diante do rosto que foi embora

Eu nunca soube me deter.

Do livro - "Sobrado das horas"

Veleiros calados

As palavras que invento
não servem para encontrá-la
pois são somente as jangadas
do nosso amor desgarrado
largadas pelo mundo
como os veleiros calados

Do livro - “A Colheita da água”

Remo e harpa

Se para ti palavras são veleiros
então elas te darão retorno
com elas poderás remar
pelas grandes dunas do invisível

Se cada palavra for também
remo e harpa
terás então as tarrafas
para pescar a encantação

Do livro - "Paiol das águas"

Mármore da palavra

No mármore da palavra
procuro a sinfonia
que me escapa
como esta noite finda
da qual só ficou a casca
onde se gera um poema
que ninguém abarca
Um relâmpago
do qual só se guarda
o espanto

Do livro - "No País dos Estaleiros"

Quebração

Arrastavam pelo mar
as redes com a quebração da aurora
E esse era sempre o enredo
de suas vidas caladas

No mar que não tem encostas
nem cercas em suas jornadas
traziam para salgar
os peixes que o mar deixava

Usando na salgação
as suas vidas salgadas

Do livro - “A Colheita da água”

Há quem diga

Há quem diga que o nosso amor foi como o mar
com infinitos horizontes onde nos deitávamos
cingidos por sua fala salina
com marinas em torno de tudo
que nos dizia respeito

Há quem diga
que foi o mar que nos gerou
quando pisávamos incautos
os seus tornozelos de água

Há quem diga que foi com o mar
que aprendemos a nos afagar
e a entoar com suas canções
de roda
a oração que nos fez
navegantes

Há quem diga que foi o mar
o nosso mensageiro

E todos os poemas são traduções
de suas águas e veleiros

Do livro - "Terraço das estações"

Face secreta

Lido com a face secreta do mar
Aqui as pedras secam sob o outono
A sombra de um poema fica
como saga de navegações
A cerração do verão sobre as certezas
A pele da aventura
sobre o corpo
da noite

Lido com o hálito
de uma estrela
e seu sentido
a iluminar
meu rosto

Do livro - "Terraço das estações"

Realejo

Cada pessoa guardará
desta noite
um bilhete com a música
de um realejo
Mas nada se sabe
se o bilhete é a senha
de um sonho
ou se esta noite
é o grande estuário
de um plano oculto
a que chamamos
Mundo

Do livro - “No País dos Estaleiros”

Amazônica

Se você arrancar da mata
o que dizem os seringais
encontrarás em sua imensidão queimada
perfumes vendavais quilombos
as almas das estrelas mortas
e o silêncio à deriva
das canções não nascidas

Do livro - "Paiol das águas"

Quando

Quando eu envelhecer
e os versos forem só minha pousada
já não andarei na terra para lutas
mas para plantar palavras
Quando envelhecer
guardarei teu rosto
o navio da minha alma
entre as samambaias do tempo
que o tempo também tem safras
onde colho meus poemas
que crescem a cada estação
assim como te colho
a cada dia que passa
nas terras do coração

Do livro - “Estaleiros de vento”

Bala perdida

A bala é um ser quase mudo
que se cumpre num estampido
ferindo seres e falas
e a harmonia do mundo

A bala com seu plano sujo
não faz concessão a nada
resvala pela madrugada
mas só para abrir uma vala

E a madrugada que a acolhe
que afaga vento e estrela
não sabe que ela é em si
um erro da natureza

Da natureza do homem
que a produz e consome
que a adestra e a solta
como cachorro sem dono

Do livro - "A Colheita da água"

Signos

A noite tinge estrelas
esculpidas sobre as águas
Mas sob o clarão do nada
forjamos vagas certezas
com nossas frágeis palavras
em seus navios de areia
Que fossem nossas palavras
mais estradas do que muros
ou mesmo mais do que isto
fossem o sentido que busco
Mas são apenas os pássaros
das algazaras do mundo
pois quando as busco e as enlaço
se tornam signos mudos
e novamente me acho
sob o mistério de tudo

Do livro - “No Páis dos Estaleiros”

Ruas do Mundo

Nas ruas do mundo
escrevo poemas
para que as folhas do tempo
não os apaguem
para que os sonhadores
os encontrem e indaguem ao lê-los
no vento
quem foi este que os sonhou
E um dia quando
as palavras que foram
em minha vida
um formidável evento
debandarem em busca
de estações melhores
procurem saber
se de mim não souberem
o nome
quem foi este sonhador

Do livro - "Os Anzóis da noite"

Legado

Se há algo que fica do amor
e dos desencontros
são as navegações que inventamos
pois o amor com seu grande oceano
não se vai como um barco abandonado
Retorna e cobra seu legado
e nos joga sobre o mar
e seus costados

Do livro - “A Colheita da água”

Sobre o autor:



Francisco Orban é poeta, jornalista e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sua trajetória literária começou em 1990 com o livro *Sobrado das Horas* (Taurus-Timbre), ao qual se seguiram *Cesto das canções com pássaros* (Leviatã, 1994) e *Recomendações aos sonhadores* (Imprimatur, 2001), entre outros títulos que consolidaram seu nome na poesia brasileira contemporânea.

Ao longo da carreira, publicou 15 livros e recebeu 8 prêmios literários, sendo 5 concedidos pela União Brasileira de Escritores — RJ. Em 2006 foi finalista do Prêmio Jabuti com o livro de poesia *Estaleiros de Vento*. Seu reconhecimento ultrapassou fronteiras: tem poemas publicados em diversos países pela revista *Poesia Sempre*, editada pela Fundação Biblioteca Nacional.

Na literatura infantil, estreou com *O Cavaleiro de Água*, publicado pela Underline Publishing (EUA), obra que chegou a ser adotada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD-SP) por volta de 2005. Mais recentemente, lançou *Teresinha Potinho de Beijos e as Estátuas* (2025), seu terceiro livro infantil e o segundo em formato e-book. A história nasceu do relato de uma menina lisboeta chamada Teresinha, apelidada de "Potinho de Beijos" pelos pais, que Orban transformou numa narrativa sobre o medo infantil das estátuas e a amizade que nasce onde menos se espera.

Orban também assina a biografia Heloneida Studart — Uma vida pela democracia, sobre sua mãe, jornalista da Revista Manchete, pioneira do feminismo no Brasil e ex-deputada estadual. Atualmente, mantém o blog Poesia Brasileira Contemporânea e segue em plena atividade literária, com uma obra que transita entre a poesia lírica, a literatura infantil e o compromisso com a memória.

- 15 livros publicados, entre poesia, biografia e literatura infantil
- 8 prêmios literários, sendo 5 da União Brasileira de Escritores
- Finalista do Prêmio Jabuti 2006 com Estaleiros de Vento
- Correção aplicada: Sobrado das Horas (Taurus-Timbre, 1990)



Visite o Blog do Autor e leia mais poemas
franciscoorban.blogspot.com



@francisco.orban.5

Clique aqui e conheça a página completa do autor

Saiba mais

*Você pode ler digitalmente outros poemas de **Francisco Orban**. Basta acessar a página da autor no portal OrnitorrincoBala.*



clique aqui

FICHA TÉCNICA

COLEÇÃO 20 POEMAS
Do Portal Ornitorrincobala

Nº 7

Francisco Orban

Projeto Gráfico e Capa
Jidduks

ISBN nº 978-65-976606-0-5

CLIQUE AQUI



Ornitorrincobala - 2026